

PEDAGOGIAS CULTURAIS EM AÇÃO NAS REPRESENTAÇÕES DA NOVELA PANTANAL

CAROLINA LESSA VIEGAS¹; FRANCINE NUNES DE SOUZA²;
JULIANO MENDIETA MARQUES³; SANDRO FACCIN BORTOLAZZO⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – carolinalessaviegas@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – frann_souza7@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – jay-marques@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas (orientador) – sandrobortolazzo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Pantanal é um bioma que corresponde a 2% do território brasileiro. Reconhecido pela UNESCO, desde 2000, como Patrimônio Natural da Humanidade, o Pantanal possui a maior área inundável do planeta. Até a década de 1980, as informações sobre o Pantanal estavam restritas a cartilhas e livros didáticos utilizados nas aulas de geografia. Em 1990, o bioma e aspectos culturais específicos da região foram apresentados aos telespectadores por meio da novela Pantanal, veiculada pela extinta Rede Manchete. A partir da produção midiática, a planície pantaneira passou a ganhar visibilidade junto aos meios de comunicação, com imagens que envolviam abundância de áreas verdes, rios e animais.

Transcorridas quatro décadas, a Rede Globo regrava a novela, trazendo as paisagens e os modos de vida do povo pantaneiro. Contudo, levando em consideração que, há dois anos o Pantanal vem dominando o noticiário televisivo por conta das queimadas, a novela coloca a região nos lares de milhões de brasileiros, retratando o ecossistema, a biodiversidade e representando aspectos culturais de parte de seus habitantes. Sobretudo, essa regravação traz ao debate questões contemporâneas como o empoderamento feminino, a homofobia, o veganismo, o machismo, a sustentabilidade, entre outros temas. O estudo, de caráter descritivo e analítico, adota a novela Pantanal como objeto de estudo, examinando as pedagogias colocadas em ação por meio das representações.

2. METODOLOGIA

Inscrito a partir dos Estudos Culturais em Educação, este estudo tem como objetivo analisar a novela Pantanal a partir das representações. Trata-se de uma análise exploratória que opera a partir dos conceitos de Pedagogia Cultural (WATKINS et.al, 2014; COSTA, 2010) e Representação (HALL, 1997), mapeando os variados saberes e aprendizagens colocados em circulação pelo folhetim.

O campo dos Estudos Culturais inscreve a cultura em um espectro amplo e expandido de práticas e passa a incluir os rituais da vida cotidiana enquanto episódios significativos. A cultura engloba, assim, tanto as práticas, instituições, relações de poder, quanto toda uma gama de produções, a exemplo de livros didáticos, artefatos tecnológicos, revistas, jornais, programas de televisão etc. No que se refere à Educação, Costa (2010, p.135) afirma que uma das contribuições das pesquisas desenvolvidas no referencial dos Estudos Culturais em Educação tem sido “a possibilidade de se abordar de forma mais ampla, complexa e plurifacetada a educação, os processos pedagógicos, os sujeitos implicados, as fronteiras construídas pelas ordens discursivas dominantes”. No que diz respeito às pedagogias culturais, elas podem ser compreendidas enquanto “qualquer instituição ou dispositivo cultural que, tal como a escola, esteja envolvido – em conexão com relações de poder – no processo de transmissão de atitudes e valores” (SILVA, 2000, p.89). De acordo

com Watkins et.al (2014, p.2), a noção de Pedagogias Culturais nos ajuda a entender a pedagogia em um sentido mais amplo, “interagindo com uma variedade de espaços sociais, relações, rotinas e discursos, e estimulando a reflexão sobre as funções educativas das práticas culturais”. Nesse sentido, a novela Pantanal atua como Pedagogia Cultural porque além de representar aspectos de uma região do país e de seus habitantes, também coloca em discussão e faz circular crenças, valores, estilos de vida e temas que perpassam a sociedade, a exemplo das ideias em torno da sustentabilidade e de pautas afirmativas. Nessa assertiva, é importante que se compreenda que quando se discute o conceito de representação, não se trata de um espelho da realidade, mas de uma construção cultural. É por isso que, para Hall (1997), há um sistema no qual fomos ensinados a fazer referência ao mundo, às pessoas e aos eventos à nossa volta. Nesse sentido, os significados não são naturais às coisas existentes no mundo, mas construídos. Hall (1997) adverte que o significado é produzido pelo trabalho da representação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Pantanal vem sendo representado como um lugar de ampla área verde, rodeado por rios e povoado por inúmeras espécies de plantas e animais, a exemplo de cavalos, bois, pássaros, onças, cobras, dentre outras. Ademais, a teledramaturgia apresenta o pantanal ao público brasileiro como um espaço de aparente tranquilidade, cujos habitantes se encontram em íntima conexão à natureza. Dessa forma, compreende-se que a produção televisiva, ao colocar em evidência representações de determinadas paisagens - vasta diversidade de espécies da fauna e da flora - atribui um conjunto de significados que, de alguma forma, acabam criando um padrão ou modelo de como seria ou deveria ser o pantanal.

Pedagogicamente, a utilização de variadas estratégias visuais – filmagens aéreas; horizonte recoberto por rios e matas; imagens com rebanhos de gado – se configura de tal forma que, ao mostrar certas paisagens, a novela vai compondo cenários da vida pantaneira e formando relações de proximidade com seus telespectadores. Quer dizer, para que o público compreenda e reconheça o pantanal, é preciso um modo particular de representação que exige mostrar aspectos da natureza contida naquela região, mas que, ao mesmo tempo, também estigmatiza e homogeneiza seus inúmeros elementos. Ao representar o pantanal como sendo um lugar, muitas vezes, comparado a algo "celestial", povoado por sujeitos conectados à natureza, ou mesmo ao generalizar preferências musicais e artísticas dos seus habitantes, a representação que se faz simplifica a complexidade e importância do bioma. Isso significa que é também por intermédio das pedagogias exercidas por estes artefatos, como é o caso da novela, que sujeitos aprendem, que suas identidades são compostas, que há uma disseminação de práticas e condutas, enfim, que os delineamentos das formas de ser e viver são traçados (COSTA, 2010).

É preciso assinalar ainda que a novela não se eximiu das questões políticas que envolvem o território. Por trás do cenário encantador, a produção também aborda temas que assolam o pantanal por décadas, como os incêndios e queimadas que anualmente devastam a vida animal, a caça ilegal de animais, a proibição da prática pesqueira em determinados períodos, os cuidados com a preservação e a sustentabilidade. Assim, quando se aciona o conceito de representação junto à novela, a princípio pode ser compreendido facilmente, ou seja, é também através das representações que os sujeitos passam a compreender o mundo. No entanto, na perspectiva de análise que esse estudo adota, o conceito de representação vai além. Os processos de representação não apenas tornam conexões, relações e identidades

visíveis, eles os constituem, isto é, eles formam tais conexões, relações e identidades. Para Hall (1997), o conceito de representação é apreendido como parte da construção de sentidos, produzidos e intercambiados por membros de uma mesma cultura. Nesse sentido, a existência de certo imaginário sobre o que se conhece por pantanal chega até o público pela via de inúmeros processos de representação, sendo um deles intermediado pela telenovela.

Comparado à primeira versão da novela de 1990, é possível perceber um roteiro atualizado e afinado às questões contemporâneas, como a representação do ingresso de maquinários agrícolas e das tecnologias nos ambientes rurais. A dramaturgia acaba colocando em circulação saberes sobre a biodiversidade da região, revelando igualmente aspectos da cultura do povo pantaneiro que envolvem costumes e modos de vida, lendas, hábitos, modos de falar e de se expressar. A novela é composta por personagens que mesclam vivências apenas junto ao campo, como é o caso dos peões e moradores da fazenda de José Leôncio (o grande proprietário) e outros que se deslocam do meio urbano para viver no Pantanal, a exemplo de um dos filhos do fazendeiro. Assim, por conta do espaço delimitado desta análise, não será possível explorar os inúmeros elementos e temáticas colocadas em discussão. Portanto, faz-se um recorte segundo temáticas emergentes, como a do empoderamento feminino, do machismo e da homofobia, mostrando como as representações operam pedagogicamente.

Um dos personagens, José Leôncio, trava uma luta interna, na tentativa de desconstruir o machismo produzido culturalmente na região. Parte da desconstrução é oriunda de discursos dos personagens que vêm da cidade, como é o caso do filho Juventino e da sua avó materna, Mariana. Outra parte da desconstrução parte do núcleo pantaneiro, com Filó, atual mulher de Leôncio, e de José Lucas, também filho de Leôncio, mas com uma história de vida em meio a prostíbulos por conta da mãe, prostituta com quem Leôncio dormiu uma única vez e a engravidou. Leôncio transmite nas falas o tom preconceituoso. A roupagem de Juventino, seu filho, na versão atual de Pantanal, traz uma postura delicada diante das mulheres. O peão, dono das terras, não hesitou em repreender o filho quando Juventino disse ser possível gostar de uma mulher sem interesse sexual direto. Leôncio afirmou que o filho é uma "fêmea", chamando-o igualmente de vagabundo por não ter uma profissão. O casamento com Juma Marruá (a mulher que se transforma em onça) foi motivo de discussão com o pai. Há certo "desencontro cultural" de Juventino com o pai e com a cultura pantaneira. O pai entra em conflito quando Juventino declara não comer carne. Isso porque as fazendas de Leôncio geram lucros a partir da venda de gado, o que parece uma contradição. Na novela Pantanal dos anos 90, Juventino era caracterizado por um linguajar culto, tendo a fotografia e a leitura como hobbies. Tais atividades, na época, ilustravam o contraste com as atividades corriqueiras das pessoas que viviam na região. Nesta regravação, o veganismo do jovem é uma das temáticas de conflito entre ele e seu pai. Juventino, na novela, representa a postura de uma parcela de jovens que critica e questiona os modelos de masculinidade. A princípio, a trama é paternalista, ou seja, do pai tentando inculcar a ideia da criação do filho para que seja um peão "macho". Mas é a partir dessa discussão do machismo que outras pautas são geradas na novela, como a discussão sobre diversidade sexual e empoderamento. Zequiel, outro personagem mordomo da família urbana de Mariana que vive no Rio de Janeiro, é convidado a visitar o Pantanal. Homossexual e com comportamentos distintos dos peões, ele é hostilizado e serve como motivo de chacota no Pantanal. O núcleo dos peões não consegue perceber as piadas enquanto ofensas, julgando-as como brincadeiras. É aí que Mariana entra em cena declarando

serem as falas dos peões motivo de prisão no meio urbano. Ela passa a explicar à Leôncio tais questões que, de pronto, dissemina entre os peões falas que recriminam qualquer forma de preconceito. Junto a Mariana, José Lucas, filho de Leôncio, também vai invocando posturas de acolhimento, aderindo à ideia de sempre tentar se colocar no lugar do outro.

Um segundo e último (mas não finito) ponto de análise é a questão do empoderamento feminino, emergente a partir da personagem Maria Bruaca. Na novela, Maria é casada com Tenório, outro fazendeiro. Tenório despreza e desrespeita sua mulher, inclusive mantendo uma segunda família no Rio de Janeiro. Assim, quando Maria descobre que estava sendo traída, ela se vinga relacionando-se com o peão da fazenda, Alcides. Além disso, Maria se transforma, a partir da valorização de si, da capacidade de se redescobrir enquanto mulher, de se respeitar e amar. O fato é que, além da ideia do empoderamento feminino, a personagem de Maria Bruaca pode servir de inspiração para mulheres que vivem relações abusivas. Há inúmeras questões que poderiam ser analisadas, como a questão das lendas, das variações linguísticas, da música, dos costumes etc. Tais temáticas são parte de um projeto de ensino mais amplo que analisa as novelas como artefatos pedagógicos, sobretudo, se considerarmos que o Brasil é um dos maiores produtores mundiais de telenovelas.

4. CONCLUSÕES

A associação do Pantanal à beleza cênica é uma representação disseminada, principalmente, pela televisão. No caso desta análise, é possível perceber que além da biodiversidade, a novela mostra o setor produtivo da pecuária, da pesca, dos avanços tecnológicos, dos problemas ambientais, do crescimento do turismo etc. Em termos pedagógicos, é preciso considerar que a instituição escolar não é o único espaço privilegiado no qual a pedagogia está diretamente ligada ao ensino e aprendizagem. Outras instâncias culturais como artefatos e redes sociais, a família, a religião, as revistas, os programas de televisão, operam pedagogicamente. Ao abrigo das Pedagogias Culturais ampliam-se as “fronteiras da pedagogia, não havendo, portanto, distinção entre aprendizagem formal e informal, institucional e cotidiana” (WATKINS, 2015, p.12). Pedagogia Cultural está implicada na ideia de que aprendizagens podem ocorrer através de um espectro amplo de práticas sociais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, M.V. Sobre as contribuições das análises culturais para a formação dos professores do início do século XXI. **Educar**, Curitiba, n. 37, p. 129-152, maio/ago. 2010.

HALL, S. The work of representation. In: HALL, Stuart (org) **Representation: cultural representations and signifying practices**. London: Sage Publications, 1997.

SILVA, T. T. **Teoria cultural e educação: Um vocabulário Crítico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

WATKINS, M., NOBLE, G., DRISCOLL, C. **Pedagogy and Human Conduct**. London: Routledge, 2015.